

# O LAZER NO COTIDIANO DO RECIFE DO PÓS-GUERRA

Gisafran Nazareno Mota Jucá  
Universidade Estadual do Ceará

## RESUMO

O conteúdo deste artigo constitui uma análise acerca do lazer, como uma opção temática, para melhor compreender a dinâmica da vida urbana, que envolve diferentes temas e agentes, numa "circularidade cultural", em que o cotidiano emerge como um conceito básico à compreensão histórica.

**PALAVRAS-CHAVE:** história urbana - opções de lazer - cotidiano urbano

## ABSTRACT

This paper aims to discuss the leisure as an alternative subject to better understand the urban life dynamic, that comprehends different matters and agents, in a cultural circle where daily life emerges as a fundamental concept to historical understanding.

**KEY-WORDS:** urban history; leisure; urban daily life

---

O lazer como temática reveladora de novas dimensões da análise histórica, hoje constitui uma realidade explícita em diferentes abordagens, inclusive na busca de melhor compreensão de temas diversos e controversos, peculiares ao enigma da vida urbana. Entretanto, em 1993, ao defender tese de doutorado, pouco ainda se explorava o alcance de uma atividade cotidiana, como essa, conforme se constata nas teses e dissertações elaboradas nesse período<sup>1</sup>.

Na verdade, "O Lazer e O Prazer nas Ruas" constitui apenas um item do último capítulo de uma tese, para quem se propunha à análise comparativa entre Recife e Fortaleza, no pós-guerra, centrada no enfoque sócioeconômico, sobreposto ao cotidiano.

Com o aumento das leituras, que revelavam outras rotas do conhecimento histórico, além das limitações da infra e da superestrutura, o cotidiano despontou como algo mais do que simples atividade complementar do já produzido, acerca do emaranhado da temática relativa às experiências urba-

nas. Por sinal, a primeira surpresa, na busca de nova abordagem, foi quando descobrimos que o conceito de cotidiano não resultou exclusivamente do avanço da Nova História, pois uma integrante da Escola de Budapeste nos fez melhor compreender o seu real significado:

A vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social. As grandes ações não cotidianas, que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam.<sup>2</sup>

E a exploração do lazer como objeto de estudo passou a constituir foco de interesse dos pesquisadores, na produção historiográfica nacional ou mesmo regional, revelando-nos novas dimensões do cotidiano, antes desvalorizadas, pois se situavam além dos limites do enaltecimento do valor do trabalho e do aproveitamento das mínimas parcelas do tempo, objetivando o aumento da produção e a busca de melhor distribuição de renda.

É consenso acatar o velho argumento, segundo o qual, quanto mais recuamos no tempo, mais o trabalho se sobrepõe ao lazer, qualquer que seja o panorama social, afinal o homem foi feito para o trabalho e dele depende sua subsistência. Contudo o lazer tornou-se cultuado e explorado, abrindo novas perspectivas de emprego e de benefícios sociais, na pós-modernidade ou nos trâmites especulativos da temida globalização.

Todavia, para avaliar o alcance do lazer, nas experiências cotidianas, mesmo em sociedades tradicionais, relembro os depoimentos de idosos, sobre Fortaleza, ao iniciar pesquisa complementar a minha tese de doutorado, dedicada ao período do pós-guerra e anterior à implantação da SUDENE, na tentativa de complementar as informações obtidas com as notícias de jornais e informes contidos nos documentos oficiais.<sup>3</sup>

Para surpresa minha, na maioria dos depoimentos, o tema mais explorado foi justamente o dedicado ao lazer, pois, na rememoração dos entrevistados, as chances do lazer, apesar de restritas, muito significavam para os depoentes, quaisquer que fossem as oportunidades de que podiam desfrutar.

Provavelmente muitas são as produções atuais que se beneficiam do alcance da nova temática, revelando-nos subsídios significativos à melhor compreensão dos valores propostos, como metas fundamentais da socie-

dade, e a realidade concreta, em que outras experiências nos remetem ao significado especial que o lazer ocupa em diferentes espaços sociais.

Na história local, produção recente nos transpõe aos meandros do que, a princípio, pode parecer banal, mas está no âmago da vida social, pois ela ultrapassa os estreitos limites de intransigentes regimentos ou objetivos almejados. Refiro-me ao livro *A Cidade dos Clubes: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970*, da arquiteta Mirtes Freitas, orientanda do Mestrado em História da UFC que, infelizmente, nos deixou, “envolvida pelos mistérios da vida”, segundo expressou o Mestre Liberal de Castro.<sup>4</sup>

Debruçar-se sobre as condições de lazer em uma cidade, onde a pobreza constituía o pano de fundo, é correr o risco de concentrar-se em atividades usufruídas pelos grupos sociais privilegiados. Manuseando os jornais dos anos quarenta e cinquenta, é visível o contraste entre as opções de lazer dos grupos privilegiados e as escassas oportunidades usufruídas pelos pobres, em geral limitadas pelas normas que norteavam a manutenção da ordem pública.

Entretanto há determinados espaços públicos, como na história urbana do Recife, onde pólos antagônicos se entrecruzam, constituindo cenário contraditório, revelador das brechas estampadas nas relações sociais, em que o conceito de espaço nos remete a novas dimensões, rompendo com as rígidas barreiras impostas pelos preceitos e discursos tradicionais. Seja no interior dos clubes elegantes, nas portas e serviços dos cinemas e, mais ainda, nos espaços públicos, como praças e praias, os limites são rompidos e o plural nos revela a dinâmica da paisagem urbana.

Na capital pernambucana, a abertura da Avenida Boa Viagem pelo Governo Sergio Loreto foi comemorada, na década de quarenta, fazendo a população esquecer os antigos locais, como Milagres, Carmo, Olinda ou Brum, onde se ia tomar “banho salgado”, pois o Pina, Boa Viagem e Piedade passaram a ser o novo foco de atração de “... um domingo alegre e feliz.”<sup>5</sup> A inauguração da linha de ônibus do Pina estimulou a valorização do banho de mar, opção restrita em décadas anteriores.

As casas a serem alugadas, durante o verão, eram poucas, pois, com abertura da avenida, começara a fixação definitiva de diversas famílias, no novo bairro, não mais apenas no verão. Com a procura acentuada da praia de Boa Viagem, sobretudo nos domingos ensolarados, começou a circular, no bairro, um “jornalzinho,” lançado pelos “Postos de Salvamento”, anunciando apresentação de bandas militares, concursos, corridas de bicicletas e passeios

programados. Anunciava-se precaução para evitar acidentes com a aquisição de modernos aparelhos respiratórios, “para casos de asfixia por imersão”. A Prefeitura prometia instalar divertimentos para as crianças e “... tudo isso vem animar as nossas praias... lugar de alegria e de bem estar para o povo...”<sup>6</sup>

No final da década de quarenta, aumentou o número de construções, em Boa Viagem, e muitas pessoas freqüentavam a praia sempre aos domingos: “o povo está com outra mentalidade, mais esportivo, mais alegre e mais feliz.” No terminal de Boa Viagem, aumentaram as barracas de venda de coco verde, consideradas sujas e pouco convidativas pelos mais exigentes.<sup>7</sup> Embora Boa Viagem despontasse como novo pólo de lazer, no resto da cidade, havia pouco a oferecer-se nos finais de semana, principalmente nos subúrbios, antes mais valorizados, pois as ruas esburacadas e mal iluminadas, com na Várzea e em Dois Irmãos, afastavam os visitantes.<sup>8</sup>

Apesar de bem conceituado pelos recifenses, o Horto de Dois Irmãos, com seu “parque zoobotânico,” distante da cidade, pois, com estrada deficiente e sem contar com o serviço de bondes, a saída era usar “sopas” e “beliscadas,” camionetas velhas e desconfortáveis, “numa verdadeira corrida de obstáculos”. Os mais ricos podiam, vagorosamente, deslocar-se de automóvel até lá, mas para a classe média o preço das corridas dos carros de praça ficava fora do orçamento.<sup>9</sup>

A expansão urbana trouxe problemas à arborização na área litorânea e em outros bairros. Nas praias de Boa Viagem e Olinda, calculou-se em 200.000 o número de cajueiros derrubados e, nos antigos sítios, localizados na Torre, em Madalena e nos Aflitos, mais de 80.000 árvores haviam sido prejudicadas. Aos poucos, os grandes quintais murados foram sendo ocupados, com o surgimento de loteamentos e de novas construções. Em 1949, a Prefeitura passou a exigir um tipo padronizado de barracas, destinadas à venda de coco verde, em Boa Viagem, utilizando o próprio material do coqueiro: tronco e palhas, a fim de evitar a sujeira que dominara nas barracas anteriormente.<sup>10</sup>

A valorização dos banhos de mar chocava-se com o receio de afetar a moral e os bons costumes, que decorriam de atitudes dos mais afoitos. O surgimento do Cassino em Boa Viagem passara a atrair “... gente de vida airada”. Também no Pina as famílias maldiziam as casas de jogos. A ousada liberdade de exibição de roupas sensuais preocupava os bem comportados: “Não há maillot, Bikini, mas há um tal desconchavo de vestuários e tama-

inho relaxamento nos gestos e atitudes que seria oportuno por ali aparecer a Delegacia de Costumes a fim de coibir muitos abusos.”<sup>11</sup>

As despovoadas praias da Piedade, Candeias e Barra de Jangada, no vizinho município de Jaboatão, começaram a ser ocupadas, principalmente quando a maioria dos terrenos situados em Boa Viagem havia sido vendida. A cidade se expandia onde outrora só viviam pescadores.<sup>12</sup> A praia de Boa Viagem se tornava menos atraente durante o inverno, principalmente nos meses de junho e julho, quando mais chovia. Mesmo com o banho menos valorizado, no inverno, muitas famílias ainda permaneciam residindo em Boa Viagem, diferente do que ocorrera antes, quando se regressava à cidade.<sup>13</sup>

Aos poucos, o chapéu de sol geralmente feito de palhas de coqueiro, embora ainda modestamente, começou a ser usado na praia.. O Lions Club promoveu, em 1954, um concurso de chapéus-de-sol, como estímulo a sua divulgação.<sup>14</sup>

A cidade tradicional foi sendo substituída pelo novo Recife, refletido especialmente na vida dos moradores de Boa Viagem. Desde a vinda dos americanos, na segunda guerra, a valorização dos carros importados aumentava e, naquele período, havia contraste entre os guardas-civis e os americanos, que se localizavam em pontos estratégicos, “... de caras fechadas e mascando chicletes...” Nos bairros antigos, como São José e Boa Vista, os casarões de telhados baixos e velhas igrejas persistiam. Com o aumento do fluxo de veículos, surgiram protestos contra o barulho antes desconhecido. Em 1939, Recife dispunha de 3.070 veículos motorizados e, em 1952, circulavam 9.115. Aos poucos também despontavam protestos contra os edifícios modernos, de dez ou vinte andares, que iam sendo levantados, “tapando as vistas mais bonitas da cidade, anulando a paisagem, escondendo até o mar...”<sup>15</sup>

Nas proximidades de Boa Viagem, o famoso “Cassino Americano” era reduto da boêmia recifense e atingiu fase áurea no período da guerra. “Por ali iam embriagar-se de falsos uisques, de envenenados gins, de determinados conhaques a marujada americana, em serviço de guerra. Muitos sucumbiam de coma alcoólica... pobres rapazes, vindos do Texas, da Florida, do Arizona...”

A prostituição crescente era oriunda da pobreza incrustada nos arredores do bairro, explorada pelo “mercado dos brancos”. Inúmeros casebres de prostituição, calculados em mil, ficavam a reboque das mais

sofisticadas “boites”. Como havia a classe letrada e boas famílias, um pouco além dos prostíbulos, o drama humano da área litorânea de Recife remete a Walter Benjamin, ao destacar: “livros e putas podem-se levar para a cama. Livros e putas entrecruzam o tempo. Dominam a noite como o dia e o dia como a noite.”<sup>16</sup>

Antes, o Pina constituía apenas uma povoação de pescadores, na qual havia uma oficina que cuidava dos reparos do material do porto. Construída, a ponte por Saturnino de Brito, que dava passagem aos pedestres e servia para conduzir o cano coletor de esgotos, a área foi sendo ocupada rapidamente. Em consequência, o bairro crescia sem alinhamento e sem higiene, sendo por isso ocupado pela pobreza e pelas vítimas da prostituição<sup>17</sup>.

Em 1946, uma comissão de alunas dos colégios do Recife iniciou o movimento em prol da moralização das praias, pois achavam “... que os “maillots” em exposição nas vitrines do Recife, não se compadecem com os hábitos de recato da moça pernambucana. E alegavam motivos de ordem moral e religiosa.” As roupas de banho que representassem o meio termo constituía a solução. O melhor seria nem usar maiôs escandalosos das artistas de cinemas, nem entrar no mar com roupas de escafandristas<sup>18</sup>.

Até nos meados da década de cinquenta, o rigor moralista perdurava. O jornal católico A Tribuna norteava a campanha pela moralização das praias. Na óptica eclesiástica, ressurgia o regresso da civilização cristã ao paganismo: “A exibição de corpos desnudos das jovens que, com a complacência das respectivas famílias passeiam sua falta de pudor, espicando a concupiscência dos rapazes que, por sua vez, destituídos do senso moral, aplaudem e aderem a esse torpe nudismo”. Na tentativa zelosa de levar adiante o trabalho de “higiene moral”, as Filhas de Maria do Recife resolveram fundar o Clube “Fortaleza Mariana”, para tentar impedir a ação de outras perigosas Marias, fortalecidas pelo vigor da sensualidade, que desencastelava sonhos outrora reprimidos<sup>19</sup>.

Diversos clubes atraíam jovens e adultos, como centros de diversão e promoções sociais. Muitos constavam na lista dos recomendados às pessoas de boas famílias. A valorização de associações esportivas e recreativas tivera o marco inicial com o que Gilberto Freire intitulara “a britanização” da sociedade brasileira, principalmente na segunda metade do século XIX. A partir de meados desse século o nome do clube a que estavam filiadas era um

dos requisitos de classificação da posição social desfrutada pelas pessoas.

Na década de quarenta funcionava em um sobrado o “Club Internacional”. Os portugueses e descendentes freqüentavam outro sobrado, na Rua do Imperador, “Gabinete Português de Leitura”. A comunidade britânica usufruía o “Golf Club Caxangá,” onde “brasileiros e ingleses se unem na mesma e fraternal camaradagem...” Ostentava seus campos gramados, “... que mais parecem uma alcatifa, com os seus... eucaliptos e o seu doce ar bucólico e onde se reúnem, nos fins de semanas... algumas pessoas de boa vontade... para beber o seu drink ou o seu chá e jogar o seu golf. O Club que torna mais humana, compreensiva... e amável a vida neste duro meridiano.”<sup>20</sup> O “Iate Clube do Cabanga,” apesar de valorizado, via-se rodeado por “horrorosos casebres”, que “tanto o afeiam,” e a solução para preservar a beleza do clube consistia em repelir os mocambos para tornar a paisagem mais limpa.<sup>21</sup>

Os cinemas também atraíam o recifense, principalmente nos finais de semana. Além dos mais conhecidos e sempre procurados pelas “boas famílias”, havia os clandestinos, denunciados pelo jornal católico a Tribuna, que apelava à Delegacia de Vigilância Geral e Costumes para “... lançar sua ação repressora contra cinema clandestino..., que funcionava no edifício Trianon, sempre exibindo filmes “... obscenos, desses que são produzidos por industriais degenerados, para uma clientela não menos degenerada. Homens debochados e jovens precocemente senis vão ali buscar os estimulantes requeridos pelos seus corpos apodrecidos...” A grita eclesiástica, em defesa da moral e dos bons costumes, se estendia contra as casas de prostituição, no centro, até os programas de rádio eram criticados devido “... as anedotas e ditos indecorosos que nos entram pelos ouvidos ... através de certos programas e rádio, como os de Cuquito” ou do humorista Badu, o pregoeiro do homossexualismo...” Até mesmo a Revista O Cruzeiro, de circulação nacional, não escapava da reação eclesiástica, pois estampara em suas páginas fotografias em “close-up”. E a conclusão do artigo assinado por D.M. apresentava-se de forma tétrica: “... se todos os que têm chagas físicas ou morais tivessem a liberdade de as exibir, o mundo se transformaria no paraíso dos urubus.”<sup>22</sup>

O espírito moleque, sempre saliente na vida urbana nordestina, também se observava no Recife. Os reflexos da vadiagem popular não se restringiam aos cinemas de terceira categoria. A “molecagem “atingia

também os melhores cines, tornando diversas casas de espetáculos “infrequentáveis” e os agentes da algazarra dentro dos cinemas advinham da chamada “jeneusse doré”, que “... encarrega-se de manter indormida essa campanha de rebaixamento de nossos níveis sociais de convivência.” Num domingo de 1950, numa das sessões vespertinas do “Art-Palácio” foi jogada uma bomba dentro do salão, lotado, para desespero da platéia.<sup>23</sup>

O cine São Luiz, comparado aos melhores do sul, foi inaugurado a 6 de setembro de 1952. Com ele, o conforto do Trianon ficou a reboque, pois “... o seu luxo não tem competidores.” O cine Moderno, embora ainda bastante freqüentado, necessitava de reformas, como com o Royal. Outros cinemas do Recife eram considerados razoáveis.<sup>24</sup>

O reduto-chave da prostituição, que na definição de Benjamin significava “... não tanto um elemento antagônico ao amor, mas sim como a sua decadência...” concentrava-se nas velhas ruas do centro, nas proximidades do porto e em alguns pontos da área comercial. Com a expansão da cidade em direção a Boa Viagem, a prostituição acompanhou o crescimento de novos espaços, embora se expandisse em áreas onde a pobreza residia, como no bairro do Pina. As famílias, na tentativa de salvaguardar a tradição, criaram o “comitê pró-moralização” do bairro, para minimizar o avanço das “casas de tolerância”, na sua maioria voltadas a jogos de azar e à prostituição. Ao lado de casas ocupadas por pessoas de classe média, em diversas ruas, como na avenida Herculano Bandeira, Conselheiro Aguiar, Ondina, dos Pescadores e a 15 de Novembro, a prostituição dominava, em meio a residências, e um dos prostíbulos mais freqüentados era o da Alzira Melo<sup>25</sup>.

Segundo dados da Secretaria de Segurança Pública, havia uns 30.000 prostíbulos no Recife. Só no primeiro semestre de 1959, ocorreram 600 crimes de sedução na cidade. A exploração das conhecidas “mariposas”, muitas menores de quinze anos, contribuía paragarantir dinheiro aos donos de prostíbulos. Embora os dados sejam aproximados ou passíveis de críticas, calculava-se em 35.000 o número de prostitutas, 25.000 ladrões e 15.000 menores abandonados, que representavam o resultado dos contrastes de cidade dominada pela pobreza.

O Pina sobressaía com as conhecidas casas isoladas, as “boates”, também denominadas “cabarés granfinos”, além dos prostíbulos menores, com clientela certa. Na rua da Guia, figuravam as “pensões”, sempre procuradas pelos interessados em casas de amor. Apesar dos diversos conflitos

integrantes do cotidiano recifense, poucos casos eram encaminhados à Polícia e as pensões de “mulheres da vida” passavam a ser ocupadas por jovens, na faixa de 14 a 16 anos. As ruas da Guia, do Apolo, do Bom Jesus, do Rangel e os bairros do Recife e do Pina constituíam redutos prediletos da prostituição.

Para o Secretário de Segurança, “a coisa é mais séria do que se pensa. Inicialmente, o que podemos fazer é evitar os excessos, combater a falta de higiene, de alguns locais e pensar, de futuro, numa maneira prática de solucionar o caso. Não usaremos violência.” Apesar das boas intenções do Secretário e da promessa de busca de solução, a realidade agravava-se cada vez mais, diluindo as intenções reabilitadoras e tornando indelével a “mancha negra” que prometia combater<sup>26</sup>.

A rede hoteleira do Recife ainda se restringia ao centro da cidade e as condições apresentadas eram precárias. Com exceção do “Grande Hotel”, os demais não se modernizaram e a má conservação e o material obsoleto prejudicavam sua imagem tradicional.

Desde o final da guerra, surgia a idéia de incentivo ao turismo, provavelmente como fruto de retomada do comércio marítimo e os aviões passaram a ser procurados pelos que dispunham de recursos. Como meio de incentivo ao turismo a Prefeitura concedera isenção de impostos municipais aos hotéis que construídos nos bairros de Santo Antonio, São José e Boa Vista<sup>27</sup>.

Enquanto o turismo constituía mais uma intenção almejada do que uma atividade rentável, as diversões, nos bairros mais pobres, concentravam-se em festas populares e religiosas. Os botecos substituíam os clubes, como abrigo dos que se utilizavam da cachaça para esquecer os problemas cotidianos. O jogo do bicho também atraía a atenção da maioria da população. Apesar de classificado como contravenção pela legislação federal, corra, na Câmara Municipal, processo propondo o pagamento da taxa de imposto pelos exploradores do jogo do bicho<sup>28</sup>.

É óbvio que as melhores opções de lazer e entretenimento se concentram em espaços sociais usufruídos pelos que dispunham de recursos para as despesas necessárias ao atendimento dos anseios pessoais e das formalidades exigidas pela tradição, que exigia o exibicionismo como algo peculiar a quem dele podia gozar. Dessa forma, o modo e os meios de diversão e entretenimento envolviam a ânsia de exibir uma situação social de

prestígio a ser louvada pelos mais íntimos e desejada pelos competidores.

As festas dos clubes e associações serviam para exibir o luxo e o prestígio adquiridos pelos integrantes da “nata da sociedade”. Entretanto não podemos restringir as opções de lazer como privilégio exclusivo dos afortunados. Em qualquer espaço social, qualquer que fosse a renda disponível, o lazer se fazia presente e era almejado por diferentes agentes do cotidiano. Embora as condições sejam outras e os recursos limitados, sempre há saída para manifestar o anseio por diversão e dela usufruir, sejam quais forem as barreiras impostas pelo momento histórico. Desse modo, deve-se reconhecer que a chance das práticas de lazer não se limitava aos mais favorecidos. Apesar de serem outras as opções serem outras, o gozo e a alegria momentânea se materializavam, tornando-se impossível restringi-los a determinado espaço social.

Mesmo reconhecendo a relação entre o poder social e o usufruto das atividades recreativas, o controle dos menos favorecidos não conseguia impedir que, em relação ao lazer, pudessem desfrutar apenas do que lhes era imposto pelas normas estabelecidas. Por mais limitadas as possibilidades e os recursos disponíveis, a oportunidade de satisfação de necessidade básica, algo além das normas coercitivas do trabalho e da competição, sempre presentes no cotidiano, e a busca do lazer se infiltram nos diferentes segmentos e nas trilhas e caminhos que envolvem a vida urbana.

O ponto comum de aproximação das opções de lazer dos privilegiados e dos menos favorecidos se expressa na vigilância contínua, imposta pelas autoridades constituídas, civis, religiosas ou policiais. O receio de macular as normas circunavega em diferentes espaços sociais da vida urbana, através dos discursos proferidos ou da espreita contínua dos órgãos policiais e entidades religiosas.

As regras que orientam a decência e o moralismo devem ser cumpridas à risca, pelo menos na divulgação dos objetivos, impostos, em especial, a pessoas de condição social subalterna. A repressão à falta de pudor e o olhar atento aos namoros e banhos de praia, ou mesmo, ao recinto fechado dos cinemas tinham elo comum na visão reacionária, que limitava as manifestações de afeto e sensualidade, prejudiciais à sonhada ordem social.

O repúdio à prostituição sempre figurava nos objetivos impostos aos vigilantes da moral, mas a ação repressora tinha a aplicabilidade de acordo com a posição social do seu agente. Enquanto as festas dos principais clubes reuniam os privilegiados do lazer, a prostituição barata se expandia,

empurrada para a zona portuária, onde se misturavam “carregadores e meretrizes, produtos antropomorfos da putrefação”<sup>29</sup>.

As atividades de lazer se expressam como manifestações da cultura dominante e da cultura popular, por mais rigorosas que sejam as normas que almejem separar os espaços sociais. A esse respeito, além da validade do emprego do conceito de “circularidade cultural”, é recomendável não esquecer que a cultura simboliza “um trabalho que deve ser realizado em toda a extensão da vida social”<sup>30</sup>.

## NOTAS

- 1 Verso e Reverso do Perfil Urbano do Recife e de Fortaleza: 1945-1960. Tese. (Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1993). A parte relativa à capital cearense foi publicada pela Annablume, com o apoio da Secretaria de Cultura e Desporto do Estado Ceará, em 2000, 196p. A segunda edição é de 2003, 202 p., com a apresentação feita pelo Arquiteto Liberal de Castro.
- 2 HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. 6ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p.20.
- 3 Cf. A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003. Tese para concurso de professor titular da Universidade Estadual do Ceará - UECE, realizado em 2002.
- 4 Clubes: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005, 260p., publicada como apoio do Instituto de Arquitetura do Brasil, departamento do Ceará e do Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC - da Universidade Federal do Ceará – UFC -, como uma homenagem de seus amigos, colegas e professores.
- 5 Recife, Diário de Pernambuco, 28 set. 1946, p. 4.
- 6 Recife, Diário de Pernambuco, 10 set. 1947, p.4.
- 7 Recife, Diário de Pernambuco, 5 out. 1948, p.4. No verão, as frutas também eram valorizadas e em pleno centro da cidade, na Rua da Hora, a safra de manga contribuía para que diminuísse o consumo de pão da cidade, pois “... todo recifense ... se agarra de manhã cedo a uma manga... e vai deixando o pão de lado.” O médico Dr. Ulisses Pernambucano reconhecia que as mangas, os cajus, as mangabas e as jacas é que alimentavam o povo do Recife durante o verão.  
– Recife, Diário de Pernambuco, 9 nov. 1948, p.4.
- 8 Recife, Diário de Pernambuco, 31 dez. 1948, p. 4.

- 9 Recife, Diário de Pernambuco, 21 jun. 1949,p.4.
- 10 Recife, Diário de Pernambuco, 31 ago. 1949, p. 4 e 12 nov. 1949, p.4.
- 11 Recife, Diário de Pernambuco, 1 out. 1950, p.4.
- 12 Recife, Diário de Pernambuco, 27 dez. 1950, p. 4.
- 13 Recife, Diário de Pernambuco, 21 jun. 1952, p. 4.
- 14 Recife, Diário de Pernambuco, 14 out. 1954, p. 4.
- 15 Recife, Diário de Pernambuco, 29 jun. 1952, p. 1.
- 16 BENJAMIN, Walter. Rua de mão Única: obras escolhidas, II. 2ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, s.d., p. 33.
- 17 Recife, Diário de Pernambuco, 23 jun. 1959, p.4.
- 18 Recife, Diário de Pernambuco, 27 out. 1946, p. 4.
- 19 Recife, A Tribuna, 17 dez. 1955, p. 8.
- 20 Recife, Diário de Pernambuco, 29 set. 1949, p. 3 e 25 maio 1954, p.3.
- 21 Recife, Diário de Pernambuco, 16 jun. 1949, p.4.
- 22 Recife, A Tribuna, 18 jun. 1949,p.2.
- 23 Recife, Jornal do Commercio, 14 jun. 1950, p.2. Nesse mesmo cinema, em 1955, numa sessão de desenho animado, foi lançado um pedaço de ferro, que atingiu de leve uma senhora na parte térrea do cinema. Recife, Jornal do Commercio, 13 jan. 1955,p.2.
- 24 Recife, Diário de Pernambuco, 22 jul. 1952, p.4
- 25 Cf. BENJAMIN, W. Obras Escolhidas III.Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo.São Paulo: Brasiliense, 1989,p.242; Recife, Jornal do Commercio, 10 nov. 1957, p. 26.
- 26 Recife, Diário de Pernambuco, 19 jul. 1959, p.2.
- 27 Recife, Diário de Pernambuco, 15 dez. 1946, p. 4. Câmara Municipal do Recife
- Lei n. 4.815, de 2 out. 1957.
- 28 Recife, diário de Pernambuco, 22 fev. 1959,p.3.
- 29 BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas, II: Rua de Mão Única.2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, s.d., p. 198.
- 30 Cf. GINZBURG, Carlo. Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das letras, 2001,p. 23 e CERTEAU, Michel de. A Cultura na Sociedade in \_\_\_\_ A Cultura no Plural. Campinas-SP:Papirus, 1995,p.221-232.